

“ESCREVA A UM DETENTO, MUDE UMA VIDA”: UM ESTUDO SOBRE O CRONOTOPO DA PRISÃO

“WRITE A PRISONER, CHANGE A LIFE”: A STUDY OF THE PRISON CHRONOTOPE

João Augusto Reich da Silva¹, Patrícia da Silva Valério²

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-3252-3490>
joaoaugusto.dv@hotmail.com.

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.
<http://orcid.org/0000-0003-4664-9625>
patriciav@upf.br

Recebido em 10 fev. 2024

Aceito em 21 abr. 2024

Resumo: Este artigo propõe um olhar para o discurso de pessoas privadas de liberdade sob o ponto de vista do cronotopo, noção de tempo-espaço desenvolvida pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin. O corpus de análise é constituído de quatro textos de apresentação de perfis de detentos inscritos em *WriteAPrisoner.com*, um site norte-americano que promove a troca de cartas entre detentos e pessoas de fora da prisão, através do programa conhecido como *pen-pal* (amigos por correspondência). Os textos dos detentos, entendidos como enunciados, são analisados com o objetivo de compreender as características do que chamamos de *cronotopo da prisão*, isto é, com vistas a estudar as relações espaçotemporais e alteritárias que surgem a partir da escrita dos aprisionados. Os resultados aqui apresentados fazem parte de uma pesquisa de caráter bibliográfico, exploratório, documental e com abordagem qualitativa do *corpus* de estudo. Assim, por meio da análise dos textos foi possível caracterizar o *cronotopo da prisão* como um tempo-espaço marcado por um ritmo lento e exaustivo, que pode (ou não) ser propício ao exercício do autoconhecimento por parte do detento, e que promove a imagem de um sujeito marcada por categorias retórico-jurídicas como inocência e culpabilidade, que exprimem a estreita relação entre o tempo, o espaço e o ser humano.

Palavras-chave: Cronotopo. Prisão. Correspondência.

Abstract: This article proposes a look at the discourse of incarcerated individuals from the perspective of the chronotope, a notion of time-space developed by the Russian philosopher Mikhail Bakhtin. The corpus of analysis consists of four profile presentation texts of inmates enrolled on *WriteAPrisoner.com*, an American website that promotes letter exchange between inmates and people outside the prison, through the *pen-pal* program. The inmates' texts, understood as utterances, are analyzed with the aim of understanding the characteristics of what we call the *prison chronotope*, in order to study the spatiotemporal and alterity relations that emerge from the writing of the imprisoned. The results presented here are part of a bibliographical, exploratory, documentary research with a qualitative approach to the study corpus. Thus, through the analysis of the texts, it was possible to characterize the *prison chronotope* as a time-space marked by a slow and exhaustive rhythm, which may (or may not) be conducive to the exercise of self-knowledge by the inmate, and which promotes the image of a subject marked by rhetorical-legal categories such as innocence and guilt, which express the close relationship between time, space, and the human being.

Keywords: Chronotope. Prison. Correspondence.

"In jail... time. In time... truth. In truth... freedom."

Paul Kirchner

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho¹ propõe uma reflexão sobre a linguagem sob o ponto de vista do tempo e do espaço, com um olhar orientado para o discurso de sujeitos privados de liberdade que buscam o (re)encontro com o outro por meio da palavra. Mais especificamente, a pesquisa que deu origem a este artigo teve por objetivo analisar as relações cronotópicas emergentes de textos de apresentação de perfis de detentos inscritos no site *WriteAPrisoner.com* (2023), com vistas a melhor compreender o que vem a ser por nós denominado *cronotopo da prisão*² e a especificidade da linguagem dos sujeitos que o habitam.

O site em questão pertence à empresa *Write A Prisoner – Correspondence & Reintegration* ("Escreva a um detento – Correspondência & Reintegração", em tradução livre), estabelecida na Flórida/EUA e criada por Adam Lovell em 2001 com o intuito de facilitar e incentivar a troca de correspondência entre detentos e pessoas de fora da prisão – sujeitos que passam a ser conhecidos como *pen pals*, isto é, amigos por correspondência.

A principal proposta do site, em inglês e de acesso gratuito, é disponibilizar aos detentos um espaço para divulgação de perfis (*profiles*), serviço oferecido mediante pagamento de uma taxa anual no valor de 50 dólares americanos. Ao criar seu perfil, o aprisionado é motivado a compartilhar algumas informações pessoais (como nome, idade, altura, religião, sexualidade etc.) e a produzir um breve texto sobre si mesmo, expressando os motivos que o levaram a inscrever-se no programa e convidando o leitor a se corresponder com ele. São esses textos de apresentação o foco da pesquisa empreendida. Os textos dos detentos são aqui compreendidos como *enunciados*, ou seja, como unidades da comunicação discursiva que possuem um

¹ O presente artigo é derivado da dissertação *O cronotopo da prisão em textos de detentos inscritos em WriteAPrisoner.com* (SILVA, 2023).

² A expressão "cronotopo da prisão" é de nossa autoria e diz respeito às relações espaçotemporais envolvendo o ambiente do cárcere e expressas através da linguagem. O termo, central para nossa pesquisa, deriva do conceito mais abrangente de "cronotopo", elaborado por Mikhail Bakhtin (2018 [2012]) com base nos estudos literários, como veremos adiante.

autor e destinatário(s) específico(s) e que se concretizam em um gênero discursivo de determinada esfera da atividade humana (Bakhtin, 2011c).

A noção de enunciado a que nos filiamos decorre dos pressupostos teórico-metodológicos da chamada Teoria/Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2016) que, baseada nos escritos de Bakhtin e o Círculo³, fundamenta o estudo. Sob essa perspectiva, os enunciados dos detentos apresentam-se como materialidades discursivas que refletem e refratam diferentes vozes e avaliações sociais, preservando, em sua constituição, marcas da interação entre os sujeitos privados de liberdade e seus possíveis interlocutores do “mundo exterior”. Especialmente, os textos dos perfis dos detentos nos dizem algo sobre o *cronotopo da prisão*, este tempo-espço que parece ser definido por um passado que condena e por um futuro que pode ou não oferecer a liberdade.

Sabemos que a comunidade de detentos é marcada por um alto grau de estigmatização social, em qualquer lugar, e é caracterizada pela exclusão e apagamento desses sujeitos da sociedade. Nos discursos que circulam a respeito de criminosos em nosso país, costumam estar presentes expressões de ódio, de desprezo e de morte. Como exemplo, lembramos os enunciados “bandido bom é bandido morto” e “CPF cancelado”, que ganharam força nos últimos anos, especialmente com a ascensão da extrema direita à presidência e a outros cargos de poder, fenômeno que ocorreu tanto nos Estados Unidos como no Brasil⁴. Diante desse contexto, em que as vozes dos apenados são silenciadas por aqueles que desejam a

³ A referência a um “Círculo de Bakhtin” ou, em sua forma mais recente, a “Bakhtin e o Círculo”, envolve “um grupo de intelectuais [...] que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado)” (Faraco, 2009, p. 13). Constavam como integrantes desse grupo pessoas de diversas formações, interesses e atuações profissionais, como o filósofo Matvei Kagan, o biólogo Ivan Kanaev, a pianista Maria Yudina, o professor de literatura Lev Pumpianski e aqueles que viriam a ser mais conhecidos pela posteridade: Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev (Faraco, 2009). Além dos laços de amizade que os uniam, os membros do círculo tinham em comum a paixão pela linguagem, pela filosofia e pelo debate de ideias, mergulhando fundo nas discussões do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo, conforme podemos verificar nos textos que nos legaram, afirma Faraco (2009). É importante esclarecer, de acordo com Hirschkop (2021), que os “círculos” de intelectuais tornaram-se uma característica distintiva da cultura russa desde os anos 1840, indicando um modo informal, mas ainda assim rigoroso, de pesquisa e debate intelectual – como, por exemplo, o Círculo de Petrashevsky, o Círculo de Viena e o Círculo Linguístico de Moscou.

⁴ A referência aos EUA e ao Brasil justifica-se pelo fato de os textos escolhidos para compor o *corpus* serem oriundos dos EUA e a pesquisa ser realizada no Brasil.

sua morte, o seu extermínio, esta pesquisa dedicou-se a escutá-las e compreendê-las em sua singularidade.

Considerando a impossibilidade de analisarmos a totalidade de perfis cadastrados no site da empresa, visto que, diariamente, diversos deles são registrados, enquanto outros são deletados, foi preciso definir critérios de seleção que ajudaram a delimitar o *corpus* de estudo. Sendo assim, trabalhamos com um recorte do conjunto de perfis disponíveis para acesso, composto por: a) os perfis que se encontram na aba destinada à categoria educacional (*Inmate Educational Profiles*), que reúne os detentos que desejam dar continuidade a seus estudos em nível básico ou superior; e b) os perfis de detentos que cumprem pena de prisão perpétua (*life sentence*), localizados utilizando o mecanismo de busca avançada do site.

A partir desses grupos, foram selecionados, inicialmente, os cinco primeiros resultados (perfis) exibidos em cada categoria no momento de acesso ao site, sem alteração dos campos automaticamente preenchidos. Do total de dez textos encontrados, elencamos quatro para se tornarem foco deste artigo, tendo em vista os limites impostos por sua estrutura. A transcrição e a tradução do texto de apresentação que consta no perfil de cada detento é de nossa inteira responsabilidade.

Escolhemos as referidas categorias por entendermos que elas apontam para duas perspectivas diferentes sobre o tempo: a primeira, mais aberta, pois tem seu foco na vida fora da prisão, em um momento em que os detentos poderão se candidatar a melhores vagas de emprego após terem progredido em sua formação escolar. A segunda categoria, por sua vez, inibe essa possibilidade através da pena perpétua, que condiciona um outro ponto de vista sobre o tempo, restrito a uma vida dentro da prisão.

Isso posto, caracterizamos a pesquisa – consoante a Prodanov e Freitas (2013) – como exploratória, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa do objeto de estudo. O *corpus* foi constituído de quatro textos de apresentação de detentos inscritos no site *WriteAPrisoner.com*, com base em um recorte inicial de dez textos, sendo cinco deles selecionados da categoria educacional (*Inmate Educational Profiles*) e cinco do grupo de detentos que cumprem pena perpétua (*Life Sentence Profiles*).

Assim, sob a perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, analisamos as relações cronotópicas e alteritárias emergentes desses perfis, com vistas à compreensão do que vem a ser o *cronotopo da prisão*, em conjunto com a especificidade da linguagem dos sujeitos que habitam esse tempo-espaço. Para cumprir essa tarefa, elaboramos as seguintes etapas: a) revisitamos dois textos de M. M. Bakhtin (2018; 2011b) para aprofundar e ampliar a discussão sobre o cronotopo, respectivamente, *As formas do tempo e do cronotopo no romance* e *O tempo e o espaço nas obras de Goethe*; b) investigamos a constituição de um *cronotopo da prisão*, com base nos perfis dos detentos; c) descrevemos as relações dialógicas presentes nos textos de apresentação.

Assim, este artigo apresenta duas seções: a primeira traz a discussão do conceito de cronotopo, conforme concebido por Bakhtin, enquanto a segunda trata de mobilizar esse conceito na análise dos textos dos detentos, materialidade discursiva foco deste trabalho.

SOBRE A FUSÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NA NARRATIVA – O CRONOTOPO

Localizamos a discussão sobre o cronotopo em dois textos de Bakhtin da metade final da década de 1930, pertencentes ao período da produção teórica do autor voltado à reflexão sobre o romance, tema que estava em voga na época. O primeiro texto é o longo ensaio intitulado *As formas do tempo e do cronotopo no romance* (Bakhtin, 2018), publicado apenas em 1975, ano da morte do autor. De igual modo, o segundo trabalho, *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (Bakhtin, 2011b), foi publicado apenas postumamente, em uma coletânea de textos editada em 1979.

Inicialmente, cabe notar que o termo cronotopo – que designa “tempo-espaço”, conforme origem grega (*chronos*: tempo; *topos*: espaço) – é tomado por Bakhtin de empréstimo às ciências matemáticas, precisamente, da teoria da relatividade desenvolvida por Albert Einstein. No entanto, o conceito não preserva o sentido específico que assume na teoria do físico alemão e é transferido por Bakhtin (2018, p. 11) para o campo dos estudos literários “quase como uma metáfora”, em que de essencial mantém-se a “expressão da inseparabilidade do espaço e do tempo”.

Logo, sobre o que trata a noção de cronotopo? Em introdução ao texto “As formas do tempo e do cronotopo no romance”, Bakhtin (2018, p. 11) nos oferece uma primeira resposta a essa questão, direta e aparentemente simples, ao afirmar que entende por cronotopo “[...] a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura”. Em seguida, diz o autor:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível: o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo, da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (Bakhtin, 2018, p. 12).

Uma vez estabelecido o significado geral do cronotopo enquanto categoria de conteúdo-forma da literatura que engloba os índices temporais e espaciais num todo artisticamente representado, Bakhtin (2018, p. 217) inicia em “As formas do tempo e do cronotopo no romance” uma análise dos “[...] grandes cronotopos tipologicamente estáveis, que determinam as mais importantes variedades de gênero do romance nas diversas etapas de sua evolução”, e assim, passa a falar de cronotopos, referindo-se aos diferentes modos de assimilação do tempo-espaço nos romances.

Nesse sentido, tempo e espaço não são compreendidos como categorias meramente acessórias, mas sim basilares para a constituição e interpretação do romance e de outros gêneros discursivos, literários ou não – como veremos na próxima seção.

Com o objetivo de evidenciar o modo como Bakhtin mobiliza o conceito de cronotopo em suas análises, sem nos debruçarmos sobre cada tipo abordado pelo autor, optamos por discutir aqui o motivo do *encontro*⁵, ligado ao cronotopo da estrada

⁵ Segundo Bakhtin (2018 [2012]), no *cronotopo do encontro* predomina o matiz temporal, que se distingue por um alto grau de intensidade axiológico-emocional. Ele está vinculado ao *cronotopo da estrada*, já de abrangência mais ampla, porém de uma intensidade axiológico-emocional um tanto menor. Conforme observa o autor, os encontros nos romances costumam acontecer na estrada, que se torna o lugar predominante dos encontros casuais: ali, “cruzam-se num ponto espaço-temporal os caminhos percorridos no espaço e no tempo por uma grande diversidade de pessoas – representantes de todas as classes e condições sociais, crenças religiosas, nacionalidades, faixas etárias. Aí podem encontrar-se por acaso aqueles que normalmente estão separados pela hierarquia social e pela distância espacial, aí podem surgir quaisquer contrastes, diferentes destinos podem encontrar-se mutuamente e entrelaçar-se. Aí as séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas humanas combinam-se de modo peculiar, tornando-se complexas e concretas pelas *distâncias*

e presente, segundo o filósofo russo, nos dois tipos de romance aventuresco da Antiguidade clássica. Segundo Bakhtin (2018, p. 30),

O motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil encontrar uma obra em que esse motivo absolutamente não exista), mas em outros campos da cultura, assim como em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade.

O autor identifica ainda a presença do motivo do encontro no campo técnico-científico, na esfera mitológica e religiosa e também em algumas correntes da filosofia. No que diz respeito à natureza cronotópica específica do encontro, Bakhtin (2018) afirma que ela se mantém tanto positivamente – quando os personagens se encontram num mesmo tempo e num mesmo lugar –, quanto negativamente – quando eles não se encontraram porque estavam em lugares diferentes ou porque estavam no mesmo lugar em tempos diferentes.

Sublinhamos, em conformidade com o autor, que esse motivo pode adquirir diferentes matizes em diversas obras, inclusive valorativo-emocionais, pois “o encontro pode ser desejado ou indesejável, alegre ou triste, às vezes terrível, podendo ser também ambivalente” (Bakhtin, 2018, p. 29). Essa observação nos remete especialmente ao tema de nossa pesquisa sobre os discursos de detentos inscritos em *WriteAPrisoner.com*. Com base no motivo do encontro, somos levados a pensar no contexto das pessoas privadas de liberdade para quem encontros ou reencontros com familiares e amigos são determinados pelo espaço do cárcere e pelas particularidades do tempo de pena em cumprimento. Para além das restrições impostas pela esfera legal e jurídica, imaginamos que nem todo (re)encontro será aceito ou desejado nesse contexto, ou seja, estando ou não presente no horizonte de expectativas dos detentos, o (re)encontro poderá assumir aqueles matizes valorativo-emocionais mencionados por Bakhtin.

Quanto às formas que o encontro pode assumir no contexto da prisão, assinalamos a visita dentro da penitenciária, que pode ser permitida ou negada ao detento por vias legais; e o(s) (re)encontro(s) que pode(m) ou não ocorrer após o fim do encarceramento, para aqueles detentos cuja saída da prisão é uma possibilidade.

sociais superadas. É o ponto de enlace e o lugar de concretização dos acontecimentos.” (Bakhtin, 2018 [2012], p. 218).

Esses encontros compreendem a presença de no mínimo dois sujeitos (o detento e o outro que, por viver fora da prisão, adentra seu espaço com o intuito de visitá-lo) no mesmo tempo e no mesmo espaço. Reconhecemos, também, em nossa leitura dos perfis divulgados no site *WriteAPrisoner.com*, a possibilidade de um encontro que se realiza mesmo que ambos os sujeitos estejam em cronotopos diferentes.

Lembramos que o objetivo do site é divulgar perfis de presidiários que, por diversos motivos, desejam se corresponder com pessoas de fora da prisão através de cartas ou e-mails (dentro das possibilidades de cada detento, instituição prisional e legislação). Logo, muitos desses detentos inscrevem-se no programa para ter alguém de fora com quem dialogar, com quem se corresponder, ainda que esse interlocutor do “mundo exterior” seja um completo desconhecido. Em vista disso, percebemos na troca de cartas um certo tipo de encontro, de caráter mais simbólico ou metafórico, mas ainda assim um encontro entre um eu e um outro através da palavra, haja vista que, “[...] dependendo do contexto, o motivo do encontro ganhará diferentes expressões. Ele pode ganhar um significado semimetafórico ou puramente metafórico, pode, enfim, tornar-se um símbolo (às vezes muito profundo)” (Bakhtin, 2018, p. 29). Nossa interpretação do motivo do encontro é possível considerando que os cronotopos podem ser compreendidos como

[...] modos de descrever a estrutura narrativa de uma obra específica – e talvez de um gênero ou época particulares – em termos temporais e espaciais unificados, portanto, de entender a significação de tudo o que se move ou é representado dentro desse quadro (RENFREW, 2017, p. 146).

Desse modo, podemos compreender a extensão do cronotopo para além da esfera literária, englobando a própria vida em sua manifestação como narrativa da história de um sujeito que se movimenta no tempo e no espaço. O que acontece, então, com o sujeito que tem seu tempo e seu espaço rigorosamente delimitados pelos outros, como consequência de atitudes passadas e medida presente para evitar acontecimentos futuros? Na próxima seção, exploramos as características do que denominamos *cronotopo da prisão*, conforme relatado pelos seus próprios ocupantes, os detentos.

UMA VISITA AO CRONOTOPO DA PRISÃO

Em seu ensaio sobre o cronotopo no romance, Bakhtin (2018) apresenta o conceito como uma categoria de conteúdo-forma da literatura, que pode ser definida pela expressão da inseparabilidade do tempo e espaço. Apesar de o autor mobilizar o cronotopo em relação à evolução do romance, ou seja, a um gênero *literário*, entendemos ser possível o estudo e a análise do cronotopo em outros gêneros discursivos não-literários. Por conseguinte, estabelecemos como objetivo de nossa pesquisa analisar as relações cronotópicas emergentes de textos de apresentação de detentos inscritos no site *WriteAPrisoner.com*, com vistas a compreender o que vem a ser o *cronotopo da prisão*, isto é, o tempo-espaço do cárcere. A tarefa aqui proposta leva em consideração a ideia de que, para integrar nossa experiência, os sentidos “devem ganhar alguma expressão espaçotemporal, ou seja, uma forma sónica que possamos ouvir e ver (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão linguístico-verbal, um desenho, etc.)” (Bakhtin, 2018, p. 236).

De acordo com Bakhtin (2011a, p. 384), “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam”. Compreendemos, em vista disso, que cada texto de nosso *corpus* de análise tem autor e destinatário(s), materializou-se em um determinado gênero do discurso e foi produzido em *um tempo e espaço específicos*. Uma produção de discurso fora do tempo e do espaço é, conforme destaca Renfrew (2017, p. 158, grifos nossos), algo inconcebível, haja vista “a natureza fundamentalmente cronotópica da linguagem como um fenômeno no qual *o tempo [e o espaço] está já e para sempre inscrito*”.

Isso posto, buscamos, ao apresentar nossa leitura dos enunciados dos detentos, destacar trechos que revelam a singularidade da experiência do tempo a partir do cárcere. Com isso, temos em vista o objetivo de investigar a possibilidade e as características do cronotopo da prisão, com base nos textos de apresentação divulgados no site *WriteAPrisoner.com*. A análise do cronotopo nesses enunciados fornece “um quadro para o entendimento da natureza discursiva [...] a partir da qual e com a qual o enunciado individual é feito e forma seu perfil estilístico e semântico” (Renfrew, 2017, p. 160).

Sem nos determos extensivamente sobre cada um dos dez enunciados selecionados, julgamos suficiente e produtivo o trabalho com os textos de

apresentação de Ibnawaan Safeeullah⁶, Janet Uribe e Glenn Smith, integrantes do grupo de detentos que buscam dar continuidade aos estudos, e John Christopher Marquard, sentenciado à pena perpétua. Servindo-nos das palavras de Bakhtin (2018), podemos afirmar que, em seus enunciados, a temporalidade e a espacialidade específicas da prisão *se adensam e ganham corporeidade*, tornando-se visíveis para aqueles que estão fora dela. Em sua discussão sobre os aspectos estilísticos do enunciado, Bakhtin (2011c, p. 296) reconhece uma concepção dominante segundo a qual “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado”. A questão, porém, é bem mais complexa segundo o filósofo, pois o enunciado é, em realidade, “pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de determinada esfera da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2011c, p. 297). Dessa maneira, para que se expresse a relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso, ou seja, sua posição em determinada esfera da comunicação discursiva, é preciso relacioná-la com outras posições, com enunciados precedentes de diferentes sujeitos. No que diz respeito aos textos dos detentos inscritos em *WriteAPrisoner.com*, procuramos, inicialmente, identificar vestígios de sua posição quanto à pena que receberam e ao modo como percebem e vivenciam o tempo-espço da prisão. Vejamos, então, o que dizem os detentos.

Após salientar a importância dos relacionamentos saudáveis na vida das pessoas, Uribe (2022)⁷ escreve o seguinte: “Eu sou uma mulher solteira que cometeu um erro, essa é minha primeira vez na prisão. A prisão me ensinou tanto sobre mim mesma. Eu pude desacelerar e conhecer quem eu sou”. A detenta reivindica o motivo de sua condenação como um erro por ela cometido, um erro que, de certo modo, a levou ao caminho do autoconhecimento. Esse, por sua vez, tornou-se possível porque a autora está vivendo o que chamamos de *cronotopo da prisão*, um tempo-espço que, nesse enunciado, aparece caracterizado por um ritmo que *diminui*. Para melhor

⁶ Os nomes usados são os mesmos que constam nos perfis dos detentos publicados no site *WriteAPrisoner.com*, de acesso público e gratuito.

⁷ No original: “I am a single woman who made a mistake, this is my first time in prison. Prison has taught me so much about myself. I was able to slow down and get to know who I am”.

compreender suas peculiaridades, prosseguiremos em busca dos sentidos que permeiam o enunciado de Janet Uribe e de outros detentos.

Primeiramente, notamos que são poucos os detentos que mencionam, direta ou indiretamente, o motivo de estarem na prisão, ou seja, o(s) crime(s)⁸ que cometeram. Apesar de essa informação estar disponível a qualquer visitante do site, os participantes do programa de troca de correspondências não são obrigados a mencionar, discutir ou justificar em seus textos a razão pela qual foram presos. Tendo em vista o estigma que já carregam pelo fato de estarem encarcerados, referir o crime talvez não seja, de fato, a informação mais importante a ser compartilhada, principalmente para os detentos que desejam, através do contato com um interlocutor externo, transcender os muros da prisão. Afinal, aqueles dispostos a se corresponder com pessoas aprisionadas podem eleger o crime como um critério de seleção ou de eliminação. Os visitantes do site podem, por exemplo, distinguir entre perfis de detentos condenados por crime como posse de substâncias ilícitas, roubo, fraude e lavagem de dinheiro, e perfis de detentos presos por estupro, tortura e assassinato. Entre esses crimes há uma lacuna que a avaliação social preenche e dilata, fazendo com que os apenados do segundo grupo sejam julgados mais severamente que os do primeiro.

Sendo assim, a razão pela qual a maioria dos detentos deixa de mencionar a própria condenação nos textos de apresentação torna-se mais clara em função dos seus interlocutores desconhecidos. Dos textos dos perfis analisados nesta pesquisa, os únicos detentos que fazem qualquer menção ao motivo de estarem encarcerados são Janet Uribe, que vê o crime cometido como um erro pelo qual assume a autoria, e Glenn Smith, que afirma ter sido condenado injustamente por motivos raciais, como lemos no trecho a seguir:

[...] estou trabalhando duro para ganhar minha liberdade. Eu fui acusado injustamente e representado por advogados incompetentes que consideram a cor da minha pele antes da luta pelos meus Direitos Constitucionais e por causa deles, estou buscando todos os meios legais para provar minha inocência e reconquistar minha liberdade (Smith, 2022, tradução nossa).⁹

⁸ A pesquisa não menciona o tipo de crime cometido pelos detentos, uma vez que entendemos não ser tarefa da linguística, tampouco da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, ocupar-se dessa questão, que pertence a outras áreas do conhecimento.

⁹ No original: “[...] I’m working extremely hard to gain my freedom. I was wrongfully accused and represented by incompetent attorneys that consider the color of my skin before the fight for my

Nesse ponto, a condenação torna-se objeto dos enunciados dos detentos, revelando a relação valorativa que os apenados mantêm com a própria pena, uma vez que, “[...] o objeto nunca é dado na sua pura e indiferente objetividade, pois o próprio fato de eu ter falado sobre o objeto, prestado atenção no mesmo, de o ter escolhido e experimentá-lo, já tomei uma posição emotivo-volitiva, uma posição de valor” (Bakhtin, 2021, p. 75-76). Mesmo antagônicas, as posições de Smith e Uribe sobre a própria condenação revelam no enunciado a diversidade própria da natureza humana, que desconhece um ponto de vista único e fixo sobre o mundo.

No momento e no lugar específico que habitam, esses presidiários têm um olhar específico sobre a realidade, condicionado, principalmente, pelo cronotopo da prisão, que consideramos “um modo de reiterar que o indivíduo pode ocupar apenas *este* espaço e *este* tempo, enfatizando, portanto, a qualidade única, irreiterável de seu enunciado” (Renfrew, 2017, p. 160).

Passemos, agora, à relação entre o conhecimento de si mesmo e o tempo passado na prisão, conforme destacado por Uribe (2022, grifos nossos)¹⁰: “A prisão me ensinou tanto sobre mim mesma. *Eu pude desacelerar e conhecer quem eu sou*”. Entendemos, a partir desse trecho, que o efeito do tempo sobre a autora altera a percepção que ela tem de si mesma, o que nos leva a salientar a ideia do tempo como princípio condutor do cronotopo (Bakhtin, 2018). Nesse caso, a forma do tempo se assemelha àquela do chamado tempo biográfico (encontrada em romances biográficos e autobiográficos), em que os acontecimentos do enredo influenciam e alteram a vida das personagens, ao contrário do que ocorre no romance de provação, por exemplo (Bakhtin, 2018).

Pensamos ainda ser possível aproximar a experiência do tempo expressa por Uribe (2022) a uma das características descritas por Bakhtin (2018, p. 88) quanto ao tipo estoico de autobiografia, qual seja, “uma nova relação consigo mesmo, com o próprio ‘eu’, sem testemunhas, sem concessão do direito à voz de um ‘terceiro’, independentemente de quem ele seja” (Bakhtin, 2018, p. 88).

Constitutional Rights and because of them I am pursuing every legal avenue to prove my innocence and regain freedom”.

¹⁰ No original: “Prison has taught me so much about myself. I was able to slow down and get know who I am”.

Além disso, para Janet Uribe, esse tempo – semelhante ao tempo biográfico – é marcado pela *lentidão*, como indica o termo *desalecerar* (“*to slow down*”) utilizado na frase “Eu pude *desacelerar* e conhecer quem eu sou” (URIBE, 2022, grifos nossos)¹¹, cujo significado é diminuir o ritmo, tornar (algo) vagaroso. São essas as características da noção de tempo própria do cronotopo da prisão vivido pela detenta. Entretanto, a definição do tempo da prisão como lento e demorado só pode existir em relação a outro tempo, veloz e rápido, semelhante, acreditamos, ao tempo cotidiano – este vinculado à contemporaneidade globalizada em que vivemos. O tempo cotidiano, exterior à prisão, impele à ação contínua e nos faz priorizar a rapidez dos processos, inclusive do próprio processo de interação entre os sujeitos, cuja comunicação é acelerada pelos suportes tecnológicos cada vez mais avançados. Segundo Larrosa (2021, p. 24),

O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo.

Se o sujeito nada faz e nada produz com o tempo que tem – seja esse produto um bem-material, um conteúdo para as mídias digitais, uma solução a um problema, uma opinião ou até mesmo uma nova ideia sobre si mesmo –, sobre ele recai o peso da temida inutilidade.

No que diz respeito ao tempo cotidiano, essa temporalidade própria do mundo moderno, vemos associar-se uma noção de experiência que consideramos próxima à proposta por Larrosa (2021). Para o educador e filósofo espanhol, a experiência é algo que nos passa, que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma, de modo que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (Larrosa, 2021, p. 25-26). Com base nessa formulação, o autor reconhece, na modernidade, uma pobreza de experiências motivada por uma série de fatores, dentre eles, a falta de tempo:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não

¹¹ No original: “I was able to slow down and get to know who I am”.

pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o *passo veloz* do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o *curso acelerado do tempo*, este sujeito já não tem tempo (Larrosa, 2021, p. 23, grifos nossos).

Logo, se o sujeito da modernidade não tem tempo para nada, também não lhe resta tempo para si mesmo, ou melhor, para a experiência de conhecer a si próprio, algo que Janet Uribe pôde vivenciar somente em um tempo e espaço distintos, no *cronotopo da prisão*. Com efeito, é a lentidão de um tempo que se estende em dias circunscritos ao perímetro do presídio que, nesse caso, proporciona um momento para reflexão, para contemplação de si, dos outros e da realidade circundante. Como o passageiro de um trem que viaja em alta velocidade e olha pela janela, aqueles que vivem a intensidade do tempo cotidiano só conseguem enxergar borrões, figuras distorcidas que, quando aparecem, imediatamente passam e deixam de ser. Somente uma paragem ocasional em cada estação permite ao passageiro contemplar a paisagem exterior, seja ela agradável ou não. Nesse sentido, o ato de *desacelerar* torna-se fundamental para o acontecimento da experiência, como apontado por Larrosa (2021):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, *aprender a lentidão*, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e *dar-se tempo e espaço* (Larrosa, 2021, p. 25, grifos nossos).

Evidentemente, o autor não está discutindo aqui a complexa realidade vivida por pessoas privadas de liberdade, visto que a educação é o ponto de partida de seus questionamentos. Interessa-nos, em sua reflexão, a relação entre a possibilidade da experiência e a lentidão do tempo, condição para que algo nos aconteça e nos transforme. Sem dúvida, os detentos não vão para a prisão para, simplesmente, darem-se tempo e espaço e assim viverem novas experiências. O aprisionamento é o que lhes força a pararem, a retirarem-se do cotidiano de suas vidas fora da prisão para adentrarem um novo tempo, um novo espaço. Porém, enquanto o cronotopo da prisão propicia, para uns, o (re)encontro consigo mesmos, para outros, atua como

uma força destrutiva, como ocorre a John Christopher Marquard, sentenciado à pena perpétua.

O detento inicia sua apresentação com uma descrição geográfica de suas origens, destacando alguns dos lugares que já conheceu em sua juventude. Nascido em uma família da Força Aérea dos Estados Unidos, Marquard (2022) passou seus primeiros cinco anos de vida na Alemanha, onde seu pai trabalhava até deixar as forças armadas, quando a família se mudou para a Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Aos dezoito anos de idade, John decidiu conhecer o país viajando de motocicleta, sem, contudo, permanecer tempo suficiente para absorver a cultura dos estados que visitou. Isso posto, o detento escreve o seguinte:

Agora estou no Corredor da Morte e estive aqui por um tempo. Estou buscando amizades. Algo substancial e real. Eu tenho interesses variados e gosto de aprender coisas novas. *Estar em uma cela quase vinte e quatro horas por dia, semana após semana, ano após ano, pode realmente desgastar uma pessoa. Correspondência, janelas para a vida real, é o que me faz continuar.* Com sorte, você vai dar uma chance e compartilhar suas opiniões comigo (Marquard, 2022, grifos nossos)¹².

Ao contrário dos outros nove detentos do corpus de estudo, John Marquard é o único condenado à morte, pena ainda existente em 27 dos 50 estados dos EUA (Death Penalty Information Center, 2023). Segundo dados fornecidos ao site WriteAPrisoner.com, Marquard (2022) tem hoje 54 anos de idade e está encarcerado há 30, o que, certamente, influencia sua experiência do tempo na prisão e se reflete no enunciado em análise. Em comparação com Uribe (2022), que cumpre penas desde 2020 e tem 44 anos, John Marquard está há mais tempo imerso nessa temporalidade lenta e prolongada, cujo efeito, segundo ele, é “desgastante”.

Confinado a uma cela “quase vinte e quatro horas por dia, semana após semana, ano após ano” (Marquard, 2022, tradução nossa)¹³, o detento vê na troca de cartas uma razão pela qual seguir em frente. Mais do que isso, o programa de amigos por correspondência (*pen-pal*) apresenta-se como *uma janela para a vida real*, e algo real

¹² No original: “Now I’m on Death Row and been here for a while. / I’m looking for friendships. Something substantial, and real. I have varied interests and enjoy learning new things. Being in a cell almost twenty four [sic] hour a day, week after week, year after year can really wear a person down. / Mail, windows into real life, is what keeps me going. Hopefully you will give it a shot and share your views with me”.

¹³ No original: “in a cell almost twenty four [sic] hour a day, week after week, year after year”.

e substancial é justamente o que John Marquard almeja. Assim, o detento distingue em seu texto de apresentação o que é real (a vida fora da prisão) e o que não faz parte da realidade (a vida dentro da prisão, a vida de um detento). A comunicação com o outro por intermédio de uma carta pode ser considerada, em vista disso, uma oportunidade para entrar em contato com o mundo real, fazer parte dele, ainda que por um momento.

O modo como cada presidiário assimila a própria realidade está longe de ser uniforme nos enunciados analisados neste trabalho, pois, enquanto John Marquard procura distanciar-se de seu contexto, Janet Uribe e Ibnawaan Safeeullah encaram a condenação como uma oportunidade de aprendizado. No que concerne a esta questão, Safeeullah revela ainda outra importante perspectiva sobre o tempo que pode nos auxiliar a caracterizar o *cronotopo da prisão*. Logo no início de seu texto de apresentação, o presidiário declara: “Então, eu estou contando os últimos meses dessa experiência de aprendizagem chamada cumprir pena e é algo diferente. A vida está me preparando para o resto da minha vida. *Eu aceito o Qadar, o bom e o ruim*” (Safeeullah, 2022, grifos nossos)¹⁴.

Imediatamente, o termo “*Qadar*” atrai a atenção do leitor: ele é descrito como algo que pode ser bom ou ruim, e que, mesmo sendo ruim, é aceito pelo detento. Qual seria, então, o seu significado? Conforme esclarece Belo (2008), a palavra qadar, de origem árabe, diz respeito à crença islâmica na predestinação divina de todos os acontecimentos. Em um exame mais atento do vocábulo e suas variantes, Belo (2008) faz referência ao termo *al-qadar*, a determinação de Deus (*Allah*) sobre os eventos, que “tem significado de medida, avaliação, limite fixo... Em seu sentido técnico *qadar* designa, portanto, o decreto divino na medida em que estabelece os limites fixos de cada coisa, ou a medida de seu ser” (Gardet, 1997, p. 262, apud Belo, 2008, p. 140, tradução nossa)¹⁵.

Sob essa perspectiva, a onipotência de Deus pode ser compreendida como o Seu poder em determinar a própria criação, incluindo, aqui, o homem e seus atos, os

¹⁴ No original: “So I’m counting down the last months of this learning experience called doing time and its something else. Life is getting me ready for the rest of my life. I accept the Qadar, the good, and the bad”.

¹⁵ No original: “has the meaning of measure, evaluation, fixed limit... In its technical sense qadar therefore designates the divine decree in so far as it sets the fixed limits of each thing, or the measure of its being”.

quais Ele fixa e delimita (Belo, 2008). O *qadar* em oposição ao livre-arbítrio é tema recorrente do *hadith*, literatura tradicional islâmica que reúne os feitos e ditos do profeta Maomé, onde encontramos a ideia de que coisas e eventos são predeterminados e escritos antes mesmo de acontecerem. Por conseguinte, a crença no *qadar* constitui um dos Seis Pilares da Fé Islâmica, juntamente à crença em Deus e seus atributos, bem como nos Profetas, nos Anjos, nos Livros Sagrados e no Dia do Juízo Final (Belo, 2008).

Sendo assim, quando Safeeullah (2022) diz acolher o *qadar*, seja ele bom ou ruim, entendemos que ele está se referindo ao próprio destino, ao seu futuro, que se apresenta como o conjunto dos acontecimentos que lhe foram fixados de antemão pela providência divina. O presente vivido no cronotopo da prisão serve então como uma espécie de preparação para o que virá depois na vida do detento, como uma etapa a ser cumprida no todo de sua existência, com base no que lemos no seguinte trecho: “A vida está me preparando para o resto da minha vida” (Safeeullah, 2022)¹⁶.

Vale notar que, apesar de esse ponto de vista estar associado à fé islâmica, Ibnawaan Safeeullah não tem religião declarada no perfil publicado em *WriteAPrisoner.com*. De qualquer modo, a referência ao *qadar* convoca relações dialógicas com os textos sagrados islâmicos e comparece no enunciado do detento como um ponto de vista singular sobre a sua realidade, que é a da prisão. Longe de resignar-se diante de uma situação tão adversa quanto o encarceramento, Safeeullah (2022) decide aceitar seu destino porque, uma vez compreendido sob o signo do *qadar*, ele é determinado não por si mesmo, mas pela vontade de Deus.

Finalmente, com base nos elementos apontados nos textos de Janet Uribe, John Marquard e Ibnawaan Safeeullah, analisados ao longo desta seção, pudemos observar como as relações espaçotemporais estão intimamente ligadas à constituição dos enunciados dos detentos. Quando voltamos nosso olhar para os textos de apresentação, “a nós se apresenta um texto que ocupa um lugar definido no espaço, ou seja, é localizado; mas a sua criação, o conhecimento que adquirimos dele fluem no tempo” (Bakhtin, 2019 [2012], p. 230). O espaço aqui definido é o da prisão, seja ela grande ou pequena, de baixa, média ou alta periculosidade, esteja ele bem

¹⁶ No original: “Life is getting me ready for the rest of my life”.

preservada ou com a estrutura danificada, localizada em uma cidade interiorana ou em uma metrópole etc.; trata-se de um cronotopo em que a liberdade do sujeito é limitada espacialmente e temporalmente, de acordo com a pena que lhe foi dada e em relação ao crime por ele cometido.

No que concerne à temporalidade, lembramos que o tempo é o nervo central do cronotopo (Bezerra, 2018), seu elemento privilegiado; ele é o campo das transformações e dos acontecimentos que “traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (Amorim, 2016, p. 103). Em nossa análise do cronotopo da prisão, a partir de textos de apresentação de quatro detentos cadastrados no site *WriteAPrisoner.com*, vislumbramos a imagem de um homem definida por conceitos jurídico-retóricos. Essa definição advém das características do romance grego citadas por Bakhtin (2011b), para quem esse tipo de romance absorveu a casuística retórica e criou uma concepção jurídico-retórica de homem. No romance grego, as categorias jurídicas “são constantemente estendidas também ao mundo, transformando os acontecimentos em *casus*, objetos em provas, etc.” (Bakhtin, 2011b, p. 208). Segundo o filósofo:

Já aqui [no romance grego] a imagem do homem está profundamente impregnada das categorias e conceitos jurídico-retóricos de culpabilidade – inocência, julgamento, absolvição, acusação, crime, virtude, mérito, etc., que pairaram durante tanto tempo sobre o romance, determinaram a colocação da personagem no romance como acusado ou cliente e transformaram o romance numa espécie de julgamento da personagem central (Bakhtin, 2011b, p. 208, grifos nossos).

As categorias e conceitos citados por Bakhtin (2011b) estão, de fato, presentes nos enunciados dos detentos. Em seu anseio por se corresponderem com pessoas de fora da prisão, escrevem textos de apresentação que são divulgados em um perfil hospedado em um site de acesso público. Ao fazerem isso, os participantes do programa expõem-se aos julgamentos daqueles que porventura visitarem o endereço eletrônico *WriteAPrisoner.com*, estejam esses visitantes dispostos ou não a trocar cartas com presidiários. Nesse caso, estando a noção de julgamento mais próxima do campo jurídico, a busca por um culpado dificilmente se afasta da avaliação a que são submetidos os detentos pelos leitores de seus textos de apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, encontramos no cronotopo uma porta de entrada para o campo dos sentidos, como sustenta Bakhtin (2018). Tendo em vista a inegável ligação do conceito aos estudos literários, nos questionávamos sobre a efetividade de sua mobilização em um corpus não-literário, constituído de textos de apresentação. Na verdade, a discussão dos enunciados dos detentos sob o prisma do cronotopo confirmou sua potencialidade para explorar aspectos relativos não somente à visão do tempo-espaço, mas também a respeito do sujeito autor do discurso sobre a prisão. Esse caracteriza o que viemos a chamar de *cronotopo da prisão* como: a) um tempo-espaço que pode ou não proporcionar o aprendizado e o autoconhecimento aos detentos; b) um lugar onde a noção de tempo predominante é marcada pela lentidão, cujos efeitos sobre os aprisionados podem ser desgastantes e extenuantes ou de certo modo revigorantes; c) um tempo-espaço que oferece uma perspectiva sobre a imagem do homem como um ser em constante julgamento – seja por si próprio, por seus pares ou até mesmo pela divindade – e definido com base em critérios jurídico-retóricos como inocência e culpabilidade. São esses elementos que permitem ver nos enunciados dos detentos a influência de um outro tempo e de um outro espaço, um tempo específico da prisão – ou do período do encarceramento – que pode ser temporário ou permanente a depender do crime cometido e do julgamento, que lhe penetra a existência e se reflete e refrata através de seu discurso.

Certamente, reconhecemos as limitações deste trabalho, impostas pelo espaço destinado à sua apresentação e ao próprio tempo de sua realização. Entendemos que o recorte metodológico aplicado aos textos de apresentação, que circunscreveu a dez o número de textos estudados e, no presente artigo, a quatro enunciados, não prejudica a qualidade da análise empreendida, dentro de uma pesquisa qualitativa e de abordagem descritiva.

Assim, com base em nossa leitura dos enunciados dos detentos e da pesquisa realizada, podemos afirmar que o estudo do cronotopo não é um mero relato do tempo e do espaço de produção dos enunciados, mas um meio de desvelar o sujeito por trás de cada enunciado, de encontrar o ser humano em sua relação mais íntima e profunda com a linguagem e o próprio tempo-espaço de sua existência.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 95-114.
- BAKHTIN, M. M. Apontamentos de 1970-1971. *In*.: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1970-71] 2011a. p. 367-392.
- BAKHTIN, M. M. O romance de educação e sua importância na história do realismo. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1936-38] 2011b. p. 205-258.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. *In*.: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1952-53] 2011c. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, [2012] 2018.
- BAKHTIN, M. M. **Lendo Razlúka de Púchkin**: a voz do outro na poesia lírica. Tradução de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco Junior e Alan Silus. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920] 2021.
- BELO, C. Predestination and human Responsibility in medieval Islam: some aspects of a classical Problem. **Didaskalia**, Lisboa, 38 (1), p. 139-151, 2008. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1864>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- BEZERRA, P. Nota à edição brasileira. *In*: BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 7-8.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*.: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-31.
- DEATH PENALTY INFORMATION CENTER. **State by State**. Washington, DC, [202-]. Disponível em: <https://deathpenaltyinfo.org/state-and-federal-info/state-by-state>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- FARACO, C. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HIRSCHKOP, K. **The Cambridge Introduction to Mikhail Bakhtin**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2021.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, [2001] 2021.p. 15-34.

MARQUARD, J. C. **John Christopher Marquard**. [S. l.]: Write a Prisoner, [2000-2024]. Disponível em: <https://writeaprisoner.com/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RENFREW, A. Cronotopo. In.: RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017. p. 143-161.

SAFEEULLAH, I. **Ibnawaan Safeeullah**. [S. l.]: Write a Prisoner, [2000-2024]. Disponível em: <https://writeaprisoner.com/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

SILVA, J. A. R. **O cronotopo da prisão em textos de detentos inscritos no site WriteAPrisoner.com**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2023.

SMITH, Glenn. **Glenn Smith**. [S. l.]: Write a Prisoner, [2000-2024]. Disponível em: <https://writeaprisoner.com/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

URIBE, J. **Janet Uribe**. [S. l.]: Write a Prisoner, [2000-2024]. Disponível em: <https://writeaprisoner.com/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

WRITEAPRISONER. **FAQ (Frequently Asked Questions)**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://writeaprisoner.com/home/faq>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Sobre os(as) autores(as)

João Augusto Reich da Silva

Doutorando em Letras (PPGL/UPF) e bolsista CAPES/PROSUC. Mestre em Letras (PPGL/UPF, 2023), com bolsa CAPES/PROSUC. Graduado em Letras, Português - Inglês e Respectivas Literaturas (UPF, 2020). Através do Programa de Bolsas Ibero-Americanas Santander Universidades (Graduação) realizou mobilidade acadêmica no curso de Línguas Modernas, Português e Inglês, na Universidade de Coimbra (UC, Portugal), de set./2019 a jan./2020. Atuou como bolsista de Iniciação Científica voluntário (PIVIC/UPF) e, posteriormente, como bolsista remunerado (PIBIC/UPF; PIBIC/CNPq), integrando os projetos de pesquisa "Linguagem, tempo e sociedade", "Linguagem e interação". Tem experiência na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, produzindo trabalhos com ênfase nos estudos de Bakhtin e o Círculo, refletindo

principalmente sobre os seguintes temas: linguagem, tempo, enunciação e discurso. Atualmente, é professor de Língua Inglesa do Ensino Médio da rede pública de ensino.

Patrícia da Silva Valério

Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Unisinos/RS (2015), mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2005) e graduação em Letras (LP) também pela Universidade de Passo Fundo (1994). É docente do Curso de Letras, onde exerceu função de coordenadora entre 2010-2014. Também é docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, onde atua nas linhas de pesquisa "Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso" e "Leitura e formação do leitor". Foi professora da educação básica (1991-2009), coordenadora pedagógica (2001-2010), assessora da vice-reitoria de graduação na UPF (2014-2017), coordenadora de gestão do Pibid na UPF (2016-2018) e Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UPF (2018-2022). É membro do GT Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA/ANPOLL). Atualmente desenvolve pesquisas com os seguintes temas: Estudos dialógicos bakhtinianos; Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; Práticas sociais de linguagem e Formação docente.